

ISRAEL ESTÁ REALMENTE PRONTO PARA A GUERRA URBANA EM GAZA?

Por Javed Ali*



Um tanque israelense Merkava manobrando (Math Knight/Wikimedia).

Uma invasão terrestre a Gaza pelas forças de Israel desencadeará intensos combates urbanos com milhares de militantes do Hamas bem armados e preparados.

Israel parece estar se preparando para a próxima fase da sua operação militar: uma campanha terrestre para “esmagar e destruir” o Hamas, como disse o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu.

Israel sinalizou que poderá estar disposto a adiar a invasão – mas não a cancelá-la totalmente – se o Hamas libertar mais reféns. Mas isso significa que uma invasão ainda é muito provável, o que levanta questões sobre como o Hamas se preparou para uma invasão terrestre e se Israel está preparado para o que poderá ser uma luta longa e prolongada.

Os ataques terrestres anteriores de Israel à Faixa de Gaza foram perigosos, mortais e dispendiosos para ambos os lados. A mais recente campanha terrestre significativa, conhecida em Israel como Operação Chumbo Fundido, ocorreu durante um período de três semanas, de dezembro de 2008 a janeiro de 2009.

De acordo com os militares israelenses, essa operação foi lançada para atacar a infraestrutura do Hamas que permitiu seus ataques terroristas e de foguetes contra Israel. Nessa batalha, milhares de tropas israelenses lutaram contra combatentes do Hamas, com um cessar-fogo israelense declarado em 17 de janeiro de 2009. De acordo com alguns relatos, as perdas nessa operação totalizaram pelo menos 13 mortes militares israelenses, 600 a 700 mortes do Hamas e mais de 1.400 civis palestinos mortos em Gaza.

Desde esse conflito, até os horríveis ataques do Hamas de 7 de outubro de 2023, as operações israelenses em Gaza envolveram principalmente ataques aéreos contra o Hamas, atingindo alvos na Faixa de Gaza. Na sequência dos ataques de 7 de outubro, Israel intensificou os ataques aéreos, mas também concentrou tropas, tanques e outros equipamentos na fronteira com Gaza.

A comunidade internacional também espera uma invasão terrestre. O ex-presidente dos EUA, Barack Obama, disse que uma operação terrestre israelense poderia ser um “tiro pela culatra” se os civis não estivessem adequadamente protegidos.

O Hamas tem sido cauteloso quanto aos seus próprios detalhes, mas diz que se preparou, com apoio iraniano, não apenas para os ataques de 7 de outubro, mas também para responder a uma campanha terrestre israelense – incluindo a ação fora da Faixa de Gaza, caso haja uma invasão.

Como um ex-funcionário sênior de inteligência e contraterrorismo do governo dos EUA, que agora ensina sobre esses assuntos e sobre segurança nacional, acredito que, uma vez iniciados, os combates serão intensos.

O conflito irá provavelmente se parecer com densos combates urbanos semelhantes a outras batalhas nos últimos 20 anos em outros locais do Oriente Médio contra militantes iraquianos e o grupo Estado Islâmico – e muito diferente dos combates mais limitados que Israel tentou em Gaza até agora.

As operações de combate em ambientes urbanos densamente povoados estão entre as mais complexas para os planejadores militares e para as tropas que neles têm de combater por diversas razões. O espaço físico é denso, com estruturas acima do solo ou redes subterrâneas que proporcionam amplos ambientes para os combatentes atacarem, permanecerem escondidos ou se moverem sem serem detectados.

Existem canais estreitos, como becos ou estradas, pelos quais as unidades militares têm que navegar. Um grande número de civis não-combatentes também está por perto. Estes fatores podem complicar a capacidade, mesmo das tropas mais bem treinadas, de cumprir seus objetivos, ao mesmo tempo que minimizam os riscos.

O HAMAS NÃO VAI A LUGAR ALGUM

Embora Israel estime ter matado mais de 1.500 combatentes durante e nos dias imediatamente seguintes aos ataques de 7 de outubro, seus militares estimam que o Hamas provavelmente tenha dezenas de milhares de combatentes bem armados em Gaza.

Os combatentes do Hamas não têm para onde correr frente a um ataque de Israel. As fronteiras da faixa com Israel permanecem fechadas, com apenas aberturas limitadas na passagem de Rafah com o Egito para permitir a entrada de ajuda humanitária.

Recentemente, Cindy McCain, chefe do Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas, alertou que o contínuo bloqueio israelense em torno de Gaza empurrou a

população civil local para uma grave crise humanitária. Mas o Egito tem-se mostrado relutante em permitir a passagem de pessoas, alegando preocupações tanto humanitárias como de política externa.

Sem ter para onde ir, é altamente possível que o Hamas decida resistir e combater uma invasão israelense. Nesse caso, o Hamas provavelmente utilizará atacantes suicidas e as armas que possui e pode fabricar – alguma combinação de bombas à beira de estradas, armadilhas, dispositivos explosivos improvisados, granadas lançadas por foguetes, armas automáticas, morteiros e franco-atiradores.

Além disso, o Hamas construiu uma extensa rede de até 480 km de túneis subterrâneos em toda Gaza, que seus combatentes utilizarão para se esconderem e viajarem. A campanha aérea israelense desde 7 de outubro também ajudará o Hamas, porque destruiu edifícios e criou pilhas de escombros que ainda não foram removidos, dificultando o deslocamento das forças israelenses.

Israel enfrentará mais riscos políticos e humanitários porque o Hamas raptou dezenas de reféns em 7 de outubro e sua localização é desconhecida. Mesmo que alguns sejam libertados antes de uma invasão, os ataques israelenses poderão ferir ou matar todos os que restarem. E as operações de resgate exigiriam informações precisas e um planejamento militar cuidadoso para funcionar em uma área física muito pequena, com combates generalizados.

As forças israelenses não enfrentaram estas condições com frequência ou durante muito tempo no passado, mas as forças armadas de outras nações sim.

AS BATALHAS DE FALLUJAH

Em 2004 e 2005, milhares de fuzileiros navais dos EUA e tropas de outras nações em coligação internacional lutaram contra insurgentes iraquianos e membros da Al-Qaeda do Iraque, em Fallujah, Iraque.

Embora tenham infligido perdas significativas a esses adversários, as tropas dos EUA e aliadas também sofreram pesadas baixas.

Na primeira batalha de Fallujah, no início de 2004, 38 soldados dos EUA foram mortos e pelo menos 90 feridos, com pelo menos 200 insurgentes da Al Qaeda ou iraquianos mortos e um número desconhecido de civis mortos ou feridos.

Na segunda batalha de Fallujah, no final de 2004, as tropas dos EUA sofreram 38 mortes e 275 feridos, com mais de 1.000 a 1.500 insurgentes mortos e outros 1.500 feridos. Combinadas, estas foram as duas maiores batalhas urbanas das forças dos EUA durante a Guerra do Iraque.

Além disso, grande parte da cidade de Fallujah, que já teve uma população de 250.000 habitantes, foi destruída e exigiu esforços significativos de reconstrução antes que os residentes pudessem regressar – apenas para serem novamente deslocados quando o grupo Estado Islâmico emergiu e também lutou ali contra o governo iraquiano em meados da década de 2010.

Uma década depois, as Forças Democráticas Sírias apoiadas pelos EUA e os militares iraquianos enfrentaram combatentes do grupo Estado Islâmico no

Iraque e na Síria, vulgarmente conhecido como ISIS, em cidades como Baghouz e Raaqa, na Síria, e Mosul, no Iraque. Essas lutas resultaram em dezenas de milhares de combatentes do ISIS mortos ou capturados. Os sobreviventes, tendo perdido o controle de qualquer território, esconderam-se.

Nestas ofensivas terrestres urbanas contra o ISIS no Iraque e na Síria, as perdas dos militares iraquianos e das Forças Democráticas Sírias foram pesadas, totalizando mais de 1.000 para cada uma delas. E, tal como nas batalhas em Fallujah, as mortes e feridos de civis também ocorreram em grande número devido à intensidade do combate urbano e à sua proximidade com pessoas comuns que tentavam viver as suas vidas.

LIÇÕES PARA ISRAEL?

No final de outubro de 2023, o Pentágono enviou o tenente-general dos Fuzileiros Navais James Glynn e outros conselheiros militares a Israel para consultoria sobre os planos de uma operação terrestre em Gaza.

Glynn lutou em Fallujah e foi conselheiro dos militares iraquianos em sua luta contra o Estado Islâmico em Mosul. Esperava-se que ele oferecesse conselhos baseados em sua experiência em combates urbanos prolongados, incluindo formas de minimizar as baixas civis.

Ninguém sabe exatamente como os acontecimentos se desenrolarão nos próximos dias. Se Israel realmente montar uma campanha terrestre, a luta resultante entre os militares israelenses e o Hamas será quase certamente violenta e difícil.

As baixas em todos os lados do conflito serão elevadas e incluirão palestinos inocentes que não deixaram a parte norte de Gaza em direção ao extremo sul da faixa, onde a ajuda humanitária começa a chegar. As batalhas urbanas que se seguirem podem assemelhar-se às de Fallujah em meados da década de 2000 ou aos impasses do ISIS há uma década.

Publicado no [The Conversation](#).

**Javed Ali é professor na Universidade de Michigan, onde ministra cursos sobre contraterrorismo e terrorismo doméstico, segurança cibernética e leis e políticas de segurança nacional. Com mais de 20 anos de experiência profissional em questões de segurança nacional e inteligência, ocupou cargos na Agência de Inteligência de Defesa dos EUA e no Departamento de Segurança Interna antes dos EUA de ingressar no FBI, onde ocupou diversos cargos no governo Trump. Possui bacharelado em Ciências Políticas pela Universidade de Michigan, doutorado pela Faculdade de Direito da Universidade de Detroit e mestrado em Relações Internacionais pela American University. Participa regularmente de entrevistas de TV e rádio sobre questões de segurança nacional e escreve em publicações como The New York Times, The Washington Post, The Hill e Newsweek.*
